



Estudos Teológicos foi licenciado com uma Licença Creative Commons –
Atribuição – NãoComercial – SemDerivados 3.0 Não Adaptada

TEOLOGIA E AIDS NA AMÉRICA LATINA – PERSPECTIVAS E DESAFIOS¹

Theology and HIV/AIDS in Latin America – Perspectives and challenges

André S. Musskopf²

Resumo: Este artigo apresenta dados sobre a epidemia de HIV/AIDS na América Latina, revelando o desafio que ela coloca e o tipo de respostas que exige do ponto de vista da teologia. Mapeia de maneira sintética as principais formas de resposta religiosa à epidemia e algumas produções teológicas produzidas na América Latina. Pergunta-se pela pouca atenção dada à questão, especialmente no contexto da teologia da libertação, em contraposição a uma produção mais densa no âmbito das teologias feminista e *gay/queer*, apontando para uma “teologia indecente” como discurso e prática teológica capaz de responder às questões colocadas pela epidemia. Por fim, propõe o “corpo”, tomado em sua materialidade, como categoria fundamental para a produção teológica a partir da epidemia de HIV/AIDS.

Palavras-chave: Teologia e HIV/AIDS. América Latina. Teologia da libertação. Teologia indecente.

Abstract: This article presents data about the HIV/AIDS epidemic in Latin America, revealing the challenge it poses and the kind of responses it requires from theology. It maps briefly the main forms of religious response to the epidemic, as well as some theological reflections produced in Latin America. It asks about the little attention given to it, especially in the context of Liberation Theology, in contrast with a more dense production by feminist and *gay/queer* theologies, pointing to an “indecent theology” as a theological discourse and practice able to respond to the issues presented by the epidemic. At last, proposes the “body”, taken in its materiality, as a fundamental category for the theological production starting from the HIV/AIDS epidemic.

Keywords: Theology and HIV/AIDS. Latin America. Liberation Theology. Indecent Theology.

¹ O artigo foi recebido em 30 de maio de 2012 e aprovado em 20 de agosto de 2012 com base nas avaliações dos pareceristas *ad hoc*. Conferência apresentada no Simpósio Internacional Teologia e HIV/AIDS na América Latina, realizado de 13 a 15 de dezembro de 2011 na Universidad Antonio Ruiz de Montoya, em Lima, Peru.

² Doutor em Teologia. Professor do Mestrado Profissional em HIV/AIDS e Teologia na Faculdades EST, em São Leopoldo/RS, Brasil. Contato: asmusskopf@hotmail.com

Introdução

Em Janeiro de 2011 iniciou-se uma caminhada comum: quatro instituições teológicas, professores e professoras, apoiadores e apoiadoras, parceiros e parceiras, estudantes e várias outras pessoas ligadas ao projeto de Mestrado em Teologia com Enfoque em HIV e AIDS na América Latina³. É possível que algumas pessoas se perguntem por que tamanho investimento de tempo, talentos e recursos, mesmo depois de quatro décadas do surgimento da epidemia de HIV/AIDS. Essas pessoas possivelmente sabem da devastação provocada pela epidemia e como ela continua afetando cada um o mundo inteiro, mas provavelmente também pensam que essa é uma realidade que não lhes diz respeito, em muitos casos porque se sentem moralmente imunes ao vírus HIV e às suas consequências. Mesmo depois de quatro décadas, muitas pessoas (e, principalmente, muitas igrejas) continuam pensando que a infecção pelo HIV e o adoecimento em decorrência da AIDS é uma consequência senão justa, pelo menos justificável, por comportamentos reprováveis.

Aqueles e aquelas que responderam ao convite para embarcar nessa caminhada seguramente não têm dúvidas e entendem a necessidade de todo esse investimento. A grande maioria porque, devido à sua experiência de trabalho e militância, descobriu muito cedo que a epidemia de HIV/AIDS é um problema que atinge a sociedade como um todo e seu enfrentamento dependerá de um esforço conjunto. Aliado a isso, possivelmente também porque entendem que as igrejas (cristãs), quando não contribuíram para o aprofundamento da epidemia através da criação e do reforço do estigma e da discriminação vinculados a ela e da contrariedade à implantação de políticas públicas para seu enfrentamento, foram cúmplices no seu silêncio e na sua incapacidade de entender a realidade da epidemia e dos questionamentos que ela provocou e provoca em todos os âmbitos.

Buscar a superação e transformação de estruturas e sistemas que promovem sofrimento são, portanto, o ponto de partida para a produção teológica sobre a qual nos debruçamos, e esperamos apontar algumas possibilidades e urgências nesse sentido.

HIV/AIDS na América Latina

Os números e as informações acerca da epidemia de HIV/AIDS são bastante conhecidos e disponíveis. Dados recentes revelam o tamanho do desafio que a epidemia de HIV/AIDS representa em nosso continente. Segundo o Relatório sobre a Epidemia Global de AIDS da ONUSIDA de 2010⁴, os números de pessoas vivendo com HIV, novas pessoas infectadas, crianças vivendo com HIV e mortes relacionadas à AIDS na América Latina demonstram a seguinte evolução:

³ Veja o sítio do projeto: <www.teologiaysida.org>. Acesso em: 12 maio 2012.

⁴ UNAIDS. *Global report*: UNAIDS report on the global AIDS epidemic 2010. Disponível em: <http://www.unaids.org/documents/20101123_globalreport_em.pdf>. Acesso em: 12 maio 2012.

		People living with HIV	People newly infected with HIV	Children living with HIV	AIDS-related deaths
CENTRAL AND SOUTH AMERICA	2009	1.4 million [1.2-1.6 million]	92 000 [70 000-120 000]	36 000 [25 000-50 000]	58 000 [43 000-70 000]
	2001	1.1 million [1.0-1.3 million]	99 000 [86 000-120 000]	30 000 [20 000-120 000]	53 000 [44 000-65 000]

UNAIDS Report on the Global AIDS Epidemic 2010, p. 43

Segundo o mesmo relatório:

O crescimento geral da epidemia global de AIDS parece ter-se estabilizado. O número anual de novas infecções tem estado em constante declínio desde o final dos anos de 1990 e há menos mortes relacionadas à AIDS em consequência do significativo aumento de terapia antiretroviral nos últimos anos. Embora o número de novas infecções tenha caído, níveis de novas infecções em geral ainda estão altos, e com significativas reduções em mortalidade o número de pessoas vivendo com HIV em todo o mundo tem aumentado⁵.

Traçar o histórico da epidemia de HIV/AIDS na América Latina seria uma generalização que apagaria as trajetórias específicas de cada país e região no continente. Ainda em 2006, o “Manual para a cobertura de HIV/AIDS” da Kaiser Family Foundation e Fundación Huesped afirmava:

Ainda que a situação na América Latina e Caribe esteja acompanhando as tendências mundiais, a epidemia de HIV em muitos países da região tende a se concentrar em populações com comportamentos de risco. Assim, uma baixa porcentagem de prevalência nacional pode esconder cenários extremamente graves. Essa é a razão por que **não é possível falar em apenas uma epidemia na região**, tendo em vista que diferentes contextos demandam abordagens específicas⁶.

O mesmo manual identifica questões particulares em diferentes países da América Latina e do Caribe. Tais diferenças também são apontadas no Relatório da UNAIDS 2010, o qual revela, por exemplo, que “o Caribe permanece a única região, ao lado da África Subsaariana, onde mulheres e crianças excedem o número de homens e meninos entre as pessoas vivendo com HIV”⁷. A versão preliminar do Boletim Epidemiológico 2011 divulgado pelo Ministério da Saúde do Brasil indica um aumento na incidência de novas infecções pelo HIV entre jovens de 15 a 24 anos, particularmente

⁵ UNAIDS, 2010, p. 16. Todas as traduções de citações de originais em língua estrangeira são próprias.

⁶ THE KAISER MEDIA Fellowships in Health; Fundación Huesped. *Manual para a cobertura de HIV/AIDS*. Disponível em: <<http://www.kff.org/hivaids/upload/7124-03Portuguese.pdf>>. Acesso em: 12 maio 2012. (*Grifos meus*). A expressão “comportamentos de risco” será discutida abaixo.

⁷ UNAIDS, 2010, p. 43.

entre jovens *gays*.⁸ Essas especificidades e variáveis indicam o curso da epidemia em diferentes contextos e demandam respostas coerentes com a realidade local.

Alguns aspectos sociais da epidemia – a vulnerabilidade e suas implicações

Desde o início da epidemia de HIV/AIDS a terminologia empregada em seu contexto tem mudado, revelando também uma mudança conceitual em muitos campos. Embora essas mudanças sejam amplas e abrangentes, destaca-se aqui a mudança processada em torno dos conceitos de “grupos de risco”, “comportamentos de risco” e “vulnerabilidade social”.⁹

Já são bastante consensuais os equívocos da “fábula dos 4 [ou 5] h”¹⁰, segundo a qual epidemiologistas procuravam explicar a “preferência” do vírus HIV por homossexuais masculinos, haitianos, hemofílicos e usuários/as de heroína (além de trabalhadoras sexuais – *hooker* – na versão dos “5h”), enquanto discursos religiosos construía a ideia de “castigo” enviado por Deus para a punição de pecados. Particularmente no âmbito das estratégias de prevenção, essa ideia foi suplantada pelo discurso de “comportamentos de risco”, focando em situações nas quais as pessoas se expunham à infecção pelo vírus e implementando “modelos de luta antiAIDS fundados na tríade informação e educação, prestação satisfatória de serviços de saúde e sociais e construção de um ambiente não discriminatório e acolhedor para os doentes”¹¹. O pressuposto, que rapidamente provou-se insuficiente, era de que a implantação dessas três estratégias (educação, prestação de serviços e ambiente não discriminatório) seria suficiente para enfrentar a epidemia. Ainda que tenha alcançado resultados positivos, e seja uma abordagem que mantém sua importância e não foi de todo atingida por fatores diversos, o problema reside na ideia de que as pessoas simplesmente “escolhem” seus comportamentos e suas práticas (colocando a ênfase nos indivíduos), sem considerar um conjunto de fatores que interferem nessas “escolhas”.

Nesse sentido, a utilização da categoria de “vulnerabilidade”, oriunda da discussão dos Direitos Humanos e aprofundada no contexto da epidemia de HIV/AIDS, permitiu e permite analisar os múltiplos fatores que influenciam e, muitas vezes, determinam comportamentos individuais ou de determinados grupos sociais. Esses fatores, por isso mesmo, não podem ser considerados apenas do ponto de vista individual, mas apontam para dimensões coletivas, nas quais estão em jogo estruturas e sistemas

⁸ CAMPANERUT, Camila. *Aids aumenta entre jovens homossexuais*. Disponível em: <<http://noticias.uol.com.br/ciencia/ultimas-noticias/redacao/2011/11/28/aids-aumenta-entre-jovens-homossexuais-diz-ministerio-da-saude.htm>>. Acesso em: 12 maio 2012.

⁹ BERNARDI, José. *Vulnerabilidade social e AIDS*. Porto Alegre: Pastoral de DST/Aids-CNBB, 2005. p. 27. Também GÓIS, João Bôscio Hora. A mudança no discurso educacional das ONGS/AIDS no Brasil. *Interface*, v. 7, n. 13, p. 27-44, 2003.

¹⁰ Expressão de BASTOS, Francisco Inácio. *AIDS na terceira década*. Rio de Janeiro: Fiocruz, 2006. p. 29-43.

¹¹ GÓIS, 2003, p. 34.

que tornam alguns grupos sociais mais vulneráveis à infecção. Além da constatação da falácia dos “grupos de risco”, o avanço da epidemia e a análise crítica dos dados epidemiológicos evidenciaram determinadas tendências estreitamente relacionadas com fatores sociais, políticos e econômicos. Não é estranho, hoje, falar-se em pauperização, feminização e heterossexualização da epidemia de HIV/AIDS.

Embora seja difícil analisar de maneira rápida e sintética as várias estruturas que num determinado contexto tornam indivíduos e grupos vulneráveis à epidemia de HIV/AIDS, é fundamental explicitar algumas delas. Considerando a estigmatização inicial de homens homossexuais como responsáveis e, simultaneamente, mercedores das vicissitudes da nova doença, é possível perceber claramente o impacto da homofobia e do heterossexismo¹² sobre esse grupo social. No contexto de articulação e desenvolvimento do Movimento de Libertação *Gay*, as acusações e a narrativa que se construiu sobre os inícios da epidemia ignoram os fatores que, à época, tornavam essa população vulnerável à epidemia.¹³ Passados mais de quarenta anos, e apesar das conquistas no âmbito dos direitos LGBT (Lésbicas, *Gays*, Bissexuais, Travestis e Transexuais), a homofobia e o heterossexismo continuam sendo fatores de vulnerabilidade, uma vez que interferem objetiva e subjetivamente na construção das identidades e no exercício da sexualidade, impedindo o exercício pleno da cidadania.¹⁴

Além disso, essa narrativa falaciosa sobre os inícios da epidemia ignora o fato de que antes e simultaneamente à experiência vivida pela comunidade *gay*, “a epidemia avançava velozmente na África subsahariana [sic] na ausência de qualquer cena *gay* [...], basicamente através de relações heterossexuais sem o uso de preservativos”¹⁵. Visto ao lado da experiência de haitianos, a invisibilização da situação africana e a estigmatização haitiana revelam outros fatores estruturais que geram vulnerabilidade no contexto da epidemia de HIV/AIDS: o racismo e a xenofobia. Também esses fatores não estiveram presentes apenas no início da epidemia, mas se atualizam constantemente, seja em relação a determinadas regiões ou continentes, ou em realidades locais.¹⁶

Mais recente é o crescente número de mulheres sendo infectadas pelo vírus HIV e adoecendo em decorrência da AIDS. Embora em alguns casos se acusem os movimentos feministas e as mudanças conquistadas em termos de autonomia das mulheres e nos padrões de gênero decorrentes, o discurso tende a ser mais vitimizador nesse caso. O perigo desse discurso é justamente apagar as reais questões que podem colocar as mulheres em situações de vulnerabilidade, sem apontar para as estruturas

¹² Sobre esses conceitos veja BORRILLO, Daniel. A homofobia. In: LIONÇO, Tatiana; DINIZ, Debora. *Homofobia e educação*. Brasília: Letras Livres/UnB, 2009. p. 15-46.

¹³ BASTOS, 2006, p. 34.

¹⁴ Veja, por exemplo, *Plano Nacional de Enfrentamento da epidemia de AIDS e DST entre gays, HSH e travestis*. Brasília, 2007. Disponível em: <http://bvsmms.saude.gov.br/bvs/publicacoes/plano_enfrentamento_epidemia_aids_hsh.pdf>. Acesso em: 12 maio 2012.

¹⁵ BASTOS, 2006, p. 33

¹⁶ Veja CHOR, Dóra; LIMA, Claudia Risso. Aspectos epidemiológicos das desigualdades raciais em saúde no Brasil. *Cadernos de Saúde Pública*, Rio de Janeiro, v. 21, n. 5, p. 1586-1594, set./out. 2005.

que sustentam essas situações. Aqui é preciso falar de patriarcado e sexismo¹⁷, que sustentam as várias formas de violência contra as mulheres, interferindo na sua autonomia, no caso da epidemia de HIV/AIDS seja do ponto de vista de questões práticas como negociação do uso de preservativo, seja na própria experiência de assédio e abuso sexual.¹⁸

Contudo, não é possível pensar todas essas questões (e várias outras) em nosso contexto sem apontar para o chamado fenômeno da “pauperização” e suas implicações e consequências tendo em vista o capitalismo e sua intrínseca estruturação da sociedade em classes.¹⁹ Questões econômicas afetam profundamente a relação da população LGBT com a epidemia de HIV/AIDS (seja na sobrevivência no contexto familiar, no acesso e permanência em instituições de ensino e no mercado de trabalho, entre outras). Tais questões ficam ainda mais evidentes na experiência de estigmatização e invisibilização por conta de questões étnico-raciais. Também no caso das mulheres, seu lugar e seu papel dentro do sistema capitalista determinam profundamente os fatores de vulnerabilidade, sendo que os números apontam que são as mulheres mais empobrecidas aquelas que estão mais vulneráveis à infecção e ao adoecimento. Um sistema econômico, político e social fundado na exploração e na separação necessária para sua manutenção em distintas classes, não pode senão gerar diversas formas de discriminação, que inevitavelmente redundam em múltiplas vulnerabilidades.

Por fim, há que se considerar outras formas. Profundamente moralizada e demonizada, a questão do uso de drogas também precisa ser entendida no contexto das configurações sociais que determinam essa realidade. O debate e as estratégias em redução de danos tem sido um instrumento importante para a compreensão dessa realidade, bem como de intervenção qualificada e efetiva no contexto da epidemia de HIV/AIDS.²⁰

Desde o início da epidemia de HIV/AIDS, os principais e mais efetivos intentos de enfrentamento se deram na relação com os Direitos Humanos. Essa perspectiva tem sido fundamental para buscar a superação de situações que geram vulnerabilidade.²¹ Nesse sentido, a perspectiva dos Direitos Humanos e a análise crítica das situações descritas são temas fundamentais para uma reflexão teológica comprometida com a realidade latino-americana.

¹⁷ Veja SAFFIOTI, Heleith I. B. *Gênero, patriarcado, violência*. São Paulo: Perseu Abramo, 2004.

¹⁸ Veja MULHERES COM HIV/AIDS – Dossiê. São Paulo: Instituto Patrícia Galvão, 2003.

¹⁹ PARKER, Richard; CAMARGO JR., Kenneth Rochel. Pobreza e HIV/AIDS: aspectos antropológicos e sociológicos. *Cadernos de Saúde Pública*, Rio de Janeiro, 16 (Sup. 1), p. 89-102, 2000.

²⁰ Veja DELBON, Fabiana; ROS, Vera; FERREIRA, Elza Maria Alves. Avaliação da disponibilização de kits de Redução de Danos. *Saúde e Sociedade*, v. 15, n. 1, p. 37-48, jan./abr. 2006. Também: BRASIL. Ministério da Saúde, Coordenação Nacional de DST e Aids. *Manual de redução de danos*. Brasília, 2001.

²¹ BRASIL. Ministério da Saúde. Secretaria de Vigilância em Saúde. Programa Nacional de DST e Aids. *Direitos Humanos e HIV/Aids: avanços e perspectivas para o enfrentamento da epidemia no Brasil*. Brasília, 2008.

Respostas religiosas à epidemia de HIV/AIDS

Para pensar a teologia em sua relação com a realidade da epidemia de HIV/AIDS na América Latina é importante discutir a relação estabelecida ao longo dos anos pelas igrejas com a epidemia. Não serão abordadas aqui as formas negativas através das quais as igrejas se manifestaram (e continuam se manifestando) com relação à epidemia. Basta assinalar que um processo de efetivo envolvimento no enfrentamento da epidemia, inclusive com a eliminação de reservas e suspeitas por determinados setores em relação às igrejas, exigirá um trabalho árduo e doloroso por parte de quem acredita na importância e no potencial das instituições religiosas e da teologia.

Segundo a análise da brasileira Jane Galvão, é possível perceber, a partir da década de 1990, a atuação das igrejas e de grupos religiosos em pelo menos três áreas no Brasil: a criação de casas de apoio e ações em parceria com ONGs, o atendimento domiciliar a portadores e portadoras de HIV e fóruns de debate incluindo consultas, encontros e cursos, bem como publicações com temáticas relacionadas a HIV/AIDS.²² Embora seu estudo se restrinja à realidade brasileira, é possível utilizar essa estrutura para outras partes da América Latina.

Durante a década de 1990 surgiu um número significativo e crescente de **casas de apoio** em operação no Brasil. Nem todas estavam ligadas a igrejas ou religiões, e muitas eram fundadas e administradas por pessoas leigas.²³ Um dos exemplos mais importantes nessa área, ainda que fundada já no final dos anos 1990 é a Casa Fonte Colombo, por Freis Capuchinhos, em Porto Alegre/RS.²⁴ Além do trabalho realizado diretamente com pessoas que vivem com HIV/AIDS, sua relevância está no fato de ter impactado os rumos da Pastoral da AIDS, ligada à CNBB.²⁵ Experiência semelhante (embora com suas particularidades) pode-se perceber no trabalho desenvolvido pela Pastoral Ecumênica da VIH y SIDA²⁶, conduzida pelo pastor Lizandro Orlov em Buenos Aires, com a fundação de um “Hostal Solidario”.

Outros tipos de **organizações**, muitas vezes não diretamente ligadas a instituições religiosas, mas com atuação de pessoas ligadas a igrejas e religiões, também surgiram nesse período. Um exemplo nesse sentido foi a fundação do ASPA (Apoio, Solidariedade e Prevenção à AIDS) em São Leopoldo, Brasil, em 1996. Idealizada por estudantes da Escola Superior de Teologia (ligada à Igreja Evangélica de Confissão Luterana no Brasil), a instituição cumpriu um papel fundamental na cidade, que por muitos anos esteve entre as cinco com maior incidência de HIV/AIDS no país. Seu trabalho se deu através de ações e projetos de prevenção, apoio a pessoas com HIV/AIDS, articulação política para efetivação de políticas públicas de enfrentamento à

²² GALVÃO, Jane. As respostas religiosas frente à epidemia de HIV/AIDS no Brasil. In: PARKER, Richard (Org.). *Políticas, instituições e AIDS: enfrentando a epidemia no Brasil*. Rio de Janeiro: ABIA, 1997. p. 109-134.

²³ GALVÃO, 1997, p. 124-125.

²⁴ Veja <www.capuchinhosrs.org.br/fontecolombo>. Acesso em: 12 maio 2012.

²⁵ Veja <www.pastoralaidrs.org.br>. Acesso em: 12 maio 2012.

²⁶ Veja <www.pastoralsida.com.ar>. Acesso em: 12 maio 2012.

epidemia com impacto regional, nacional e internacional, incluindo ações desenvolvidas junto a grupos da igreja.

Outras iniciativas buscaram articular **debates** que envolvessem as igrejas e religiões na tentativa de construir propostas teológicas e pastorais para o enfrentamento da epidemia. Destaca-se aqui a realização da “Consulta Latino-Americana das Igrejas sobre SIDA/AIDS”, ocorrida em 1988 no Rio de Janeiro e promovida pela CESE (Coordenadoria Ecumênica de Serviços) e pelo CONIC (Conselho Nacional de Igrejas Cristãs), e os “Encontros Brasileiros de Ação Pastoral Frente à AIDS”, realizados em 1989 e 1990, promovidos pela ARCA (Apoio Religioso Contra a AIDS), um projeto do ISER (Instituto Superior de Estudos da Religião).²⁷ Atividades semelhantes têm ocorrido também por toda a América Latina, especialmente em períodos mais recentes. Percebe-se, nessas iniciativas, a importância da atuação de organizações ecumênicas, muitas das quais se mantinham/mantêm através de recursos de cooperação internacional. Por sua relativa independência das igrejas locais, mostram-se como espaços capazes de articular outro tipo de debate. Cabe aqui destacar, além das organizações já mencionadas, o trabalho desenvolvido por Koinonia – Presença Ecumênica, fundada em 1994 e que, desde muito cedo, articulou ações na área de HIV/AIDS.²⁸

Com o passar do tempo, também **instituições eclesiásticas** passaram a organizar atividades desse tipo. Embora seja difícil mapear e identificar iniciativas mais locais, no âmbito da Igreja Católica Romana, especialmente a partir da criação da Pastoral da AIDS em 1999, foram realizadas atividades envolvendo a igreja nacional.²⁹ No âmbito da IECLB, mais recentemente, destaca-se a realização do Seminário Nacional sobre HIV/AIDS, em 2004, organizado pelo Departamento de Diaconia.³⁰ Muitas dessas iniciativas resultaram na elaboração de **documentos**. Mundialmente, já em 1986 o Conselho Mundial de Igrejas se manifestou através do documento “A AIDS e a igreja como comunidade de cura”³¹. Muitos desses documentos trazem elaborações importantes e inovadoras sobre a epidemia de HIV/AIDS e as questões relacionadas a ela por parte das igrejas, mas nem sempre foram/são incorporadas às práticas cotidianas de suas comunidades e lideranças.

No caso brasileiro, é importante mencionar as iniciativas das religiões de matriz africana. No início da epidemia não houve um envolvimento substancial no seu enfrentamento. Isso se deveu, particularmente, à discriminação e aos preconceitos sofridos por essas tradições religiosas já antes da epidemia e também ao fato de serem rapidamente estigmatizadas no contexto da própria epidemia por conta de seus rituais. Além disso, outro fator de discriminação dessas tradições religiosas está ligado

²⁷ GALVÃO, 1997, p. 128.

²⁸ Veja a “Linha do Tempo” que mostra a trajetória de KOINONIA na luta pela superação do HIV/AIDS. Disponível em: <<http://www.koinonia.org.br/linha-tempo-11-2011.asp#sobe>>. Acesso em: 12 maio 2012.

²⁹ PASTORAL DST/AIDS. *Viu e teve compaixão - Igreja e Aids*. Fortaleza: CNBB/Pastoral DST/Aids, 2002. p. 5s.

³⁰ Veja DEPARTAMENTO DE DIACONIA DA IECLB. *Caderno do Seminário Nacional sobre HIV/Aids: Quebrar o silêncio. Restaurar a dignidade*. Porto Alegre: IECLB, 2005.

³¹ CMI. *El Sida y La Iglesia como comunidad de sanación*. Genebra, 1986. Disponível em: <http://www.pastoralsida.com.ar/paginas_internas/documentos/comunidad.html>. Acesso em: 12 maio 2012.

à presença de homossexuais.³² Mais recentemente, no entanto, inclusive com maior reconhecimento e respeito a essas tradições religiosas, as religiões de matriz africana têm atuado de maneira articulada e eficiente no enfrentamento da epidemia de HIV/AIDS, especialmente através das redes de saúde organizadas em vários estados e âmbito nacional.³³

Por fim, devem-se mencionar, também, iniciativas fora do mundo eclesiástico e teológico. Em âmbito governamental, em 2006, o Programa Nacional de DST/AIDS do Ministério da Saúde do Brasil convocou o *Seminário AIDS e Religião*. Da mesma forma, governos estaduais têm articulado encontros e redes de religiões para discutir formas de atuação conjunta.³⁴ No âmbito da sociedade civil, a Associação Brasileira Interdisciplinar de AIDS (ABIA) desenvolveu, entre 2005 e 2010, em cinco capitais brasileiras o projeto *Respostas religiosas à epidemia de HIV/AIDS no Brasil*. Esse projeto reuniu um conjunto importante de elementos sobre a atuação das igrejas, muitos dos quais ainda estão em análise, e produziu muitas publicações refletindo sobre essas questões.³⁵

Ou seja, há, desde a década de 1990, um esforço crescente na tentativa de aproximar as igrejas da discussão e prática no que diz respeito à epidemia de HIV/AIDS. As igrejas, de fato, são (ou podem ser) agentes fundamentais para o enfrentamento da epidemia, particularmente num continente marcado por uma profunda e diversa religiosidade (institucional, mas também popular). Para tanto será necessário que enfrentem questões fundamentais que estão no âmago da epidemia e das populações atingidas por ela.

Teologia e HIV/AIDS

É inegável que nas iniciativas apontadas acima se produziram perspectivas teológicas diversas e inovadoras, considerando que a teologia é produzida não apenas nos círculos acadêmicos, mas a partir do envolvimento de pessoas de fé, comunidades e igrejas. Numerosos folhetos, panfletos e livretos têm sido editados por grupos e organizações e mesmo igrejas sobre a epidemia de HIV/AIDS. Grupos e organizações como as mencionadas (e aqui cabe também mencionar as Católicas pelo Direito de Decidir³⁶), bem como iniciativas eclesiásticas (Pastoral da AIDS, IECLB³⁷) ou mesmo

³² GALVÃO, 1997, p. 115. A relação entre religiões afro-brasileiras e homossexualidade tem sido objeto de inúmeros estudos. Veja: FRY, Peter. *Pra inglês ver*. Rio de Janeiro: Zahar, 1982.

³³ Veja, por exemplo, <www.religiofosaude.blogspot.com.br>. Acesso em: 12 maio 2012.

³⁴ Veja MÚSCARI, Marcello Felipe de Jesus. *A dupla construção: A resposta à AIDS e a regulação do religio* no “1º Seminário Aids e religião do Rio Grande do Sul”. Trabalho de Conclusão de Curso. Porto Alegre: UFRGS, 2011. Disponível em: <<http://www.lume.ufrgs.br/bitstream/handle/10183/40398/000827246.pdf?sequence=1>>. Acesso em: 28 maio 2012.

³⁵ ABIA. *Respostas religiosas ao HIV/AIDS no Brasil*. Rio de Janeiro: ABIA, 2010. Disponível em: <http://www.abiaids.org.br/_img/media/Livreto%20Religi%C3%B5es%20completo.pdf>. Acesso em: 28 maio 2012.

³⁶ Veja, por exemplo, OROZCO, Yury Puello. *Mulheres, AIDS e religião. Católicas pelo Direito de Decidir*, São Paulo, 2002.

³⁷ Veja, por exemplo, CONFERÊNCIA NACIONAL DOS BISPOS DO BRASIL. *Pastoral DST/AIDS. Viu e teve compaixão*. Igreja e Aids. Fortaleza: CNBB - Pastoral DST/Aids, 2002, entre outros materiais.

governamentais e civis diversas. Muito dessa teologia, no entanto, não está sistematizada e disponível para formação e estudos. Em outros casos, o que foi produzido é de difícil acesso ou invisibilizado, justamente porque questiona discursos e práticas normativas das instituições que mantêm as estruturas que, ao mesmo tempo, são responsáveis pelo avanço da epidemia. Carece-se, todavia, de reflexões teológicas de fôlego, que ampliem, aprofundem e expandam essas elaborações.

Alguns teólogos e algumas teólogas latino-americanos já se debruçaram sobre a realidade da epidemia de HIV/AIDS.³⁸ Aqui e ali é possível encontrar artigos e textos que debatem esses temas a partir da teologia.³⁹ No âmbito da teologia da libertação latino-americana é notável que apenas na década de 1990 comecem a surgir reflexões de teólogos e teólogas sobre essa temática e de modo muito esparso, fundamentalmente advogando solidariedade.⁴⁰ É notável, ao mesmo tempo, que já em 1991 encontremos um artigo publicado na coletânea “René Girard com teólogos da libertação”, do teólogo James Alison intitulado “AIDS como lugar de revelação”⁴¹.

De certa forma, não é de estranhar que a epidemia de HIV/AIDS não tenha se tornado tema central para os teólogos da libertação. Considerando o fato de que a emergência da epidemia nas Américas se deu como uma questão ligada à comunidade *gay* e foi assim que entrou na realidade dos países latino-americanos, exigia-se, do ponto de vista da teologia, abordagens que considerassem questões de gênero e sexualidade. Segundo Ivan Perez Hernández:

[...] a geração fundadora das TsL estava composta fundamentalmente de homens brancos que dialogavam principalmente no que quefazer teológico [...] com a análise de classe. Se a esta geração já lhe custou o trabalho de enriquecer com as demandas libertadoras dos grupos antes mencionados suas admiráveis contribuições iniciais, quanto mais trabalhoso foi para eles desprender-se ainda mais do sexismo e do *hetero-sexismo* – ambos tão imbricados – que caracterizavam em dupla medida a esquerda do subcontinente assim como de suas igrejas. [...] não é senão até o surgimento da epidemia de AIDS, no início dos oitenta, que se geram discussões públicas críticas acerca da sexualidade e da homossexualidade em países onde a Igreja Católica e/ou regimes militares exerciam um controle quase total sobre como esses temas deviam ser discutidos na esfera pública⁴².

³⁸ Um dos teólogos brasileiros que mais sistematicamente trabalhou o tema é José Trasferetti. Veja, por exemplo: TRASFERETTI, José Antônio; LIMA, Lívia Ribeiro. *Teologia, sexualidade e Aids*. Aparecida, SP: Santuário, 2009.

³⁹ Por exemplo, PEREIRA, Nancy Cardoso. *Igrejas e Aids (2): perspectivas bíblicas e pastorais*. Rio de Janeiro: Instituto de Estudos de Religião, 1990; SAMPAIO, Tânia Mara Vieira. *Aids e religião: aproximações ao tema*. *Impulso*, Piracicaba, v. 13, p. 21-39, set./dez. 2002.

⁴⁰ Veja reflexão de HERNANDEZ, Ivan Perez. *Teologías de la Liberación y minorías sexuales en América Latina y el Caribe*. In: TRASFERETTI, 2004, p. 123s. Também texto de ALVES, Rubem. *AIDS. Tempo e Presença*, v. 269, p. 52-53, 1993.

⁴¹ ALISON, James. *AIDS como lugar de revelação*. In: ASSMAN, Hugo (Ed.). *René Girard com teólogos da libertação*. Petrópolis: Vozes; Piracicaba: UNIMEP, 1991. p. 309.

⁴² HERNANDEZ, 2004, p. 108-109.

Ora, se foram justamente no âmbito dessas duas correntes teológicas (teologia feminista e teologia *gay*) que as mais importantes reflexões teológicas sobre e a partir da experiência da epidemia de HIV/AIDS foram desenvolvidas, torna-se compreensível, embora não tivesse que ser dessa maneira, a pouca atenção dada pela teologia da libertação a esse fenômeno e suas implicações dentro de um projeto libertador de igreja e sociedade. Com isso não se quer afirmar que a teologia *gay* seja a única, ou mesmo a melhor, forma de produção de conhecimento teológico disponível nesse tema.⁴³ Ainda assim, considerando as circunstâncias históricas que vincularam (em grande parte discursivamente) a epidemia à comunidade *gay*, a existência de um movimento social articulado permitiu, pelo menos na América do Norte, que em seu seio fossem elaboradas respostas teológicas libertadoras para a realidade do HIV/AIDS. A própria epidemia, por seu turno, representou um questionamento a esse movimento e às construções teológicas *gays* que se vinham construindo desde os anos 1960, provocando uma radicalização e aprofundamento inclusive na teologia.⁴⁴

O grande passo dado, particularmente no campo da sexualidade, foi a percepção da insuficiência de categorias identitárias fixas e essencializadas. O rompimento dos históricos e persuasivos binarismos identitários em termos de gênero e sexualidade propostos por correntes liberacionistas fez emergir um discurso e uma prática que buscaram lidar com a fluidez, a transitoriedade e a ambiguidade das construções identitárias, suas consequências para o discurso teológico e a constituição e permanência das instituições eclesiais. Emergiu, então, um discurso teológico que, a partir das histórias (narrativas) sexuais silenciadas e marginalizadas, transgride as fronteiras de um discurso (hetero ou homo)normativo, assumindo a descontinuidade do seu próprio discurso e a necessidade de constante revisão e reconstrução.⁴⁵ É o que se pode chamar de uma teologia *queer* ou uma teologia indecente.⁴⁶

Nesse ponto vale destacar que, tanto do ponto de vista do movimento social como da reflexão teórica e sua absorção no campo da teologia, o que se propõe e se busca é perceber de que forma as identidades são construídas na interconexão de diversos sistemas estruturantes, como gênero, sexualidade, raça/etnia, geração, habilidade, classe social etc. Aqui também deveria ficar evidente a sua contribuição para as reflexões e construções teóricas e políticas evidenciadas no âmbito da epidemia de HIV/AIDS, naquilo que diz respeito às situações de vulnerabilidade mencionadas acima. Seja no campo político, teórico, teológico e/ou pastoral, apenas uma reflexão que considere todas essas dimensões na sua inter-relação será capaz de oferecer respostas relevantes para o enfrentamento da epidemia.

Não deixa de ser pelo menos curioso o fato de que as elaborações teológicas de muitos dos teólogos *gays* norte-americanos, mas também de teólogas feministas e

⁴³ Sobre a forma como teólogos *gays* lidaram com as questões suscitadas pela AIDS nos anos 1980 e 1990, veja STUART, Elizabeth. *Gay and lesbian theologies: Repetitions with critical difference*. Aldershot: Ashgate, 2003. p. 65-77.

⁴⁴ Veja MUSSKOPF, André S. *Via(da)gens teológicas*. São Paulo: Fonte Editorial, 2012. p. 209-224.

⁴⁵ Dois autores em que se pode perceber essa transição e essas mudanças são J. Michael Clark e Robert Goss.

⁴⁶ A principal referência é ALTHAUS-REID, Marcella. *Indecent theology*. London: Routledge, 2001.

lésbicas, sejam profundamente influenciadas pelas elaborações teológicas de teólogos da libertação latino-americanos. Se considerarmos o fato de que o texto mencionado, publicado na coletânea “René Girard com teólogos da libertação”, seja de autoria justamente de um teólogo *gay*, James Alison, as possibilidades e as lacunas na teologia latino-americana no campo da epidemia de HIV/AIDS, principalmente na sua relação com questões de gênero e sexualidade não heteronormativas, ficam mais evidentes. Ainda assim é possível desenhar uma trajetória da produção teológica homossexual/*gay/queer*/da diversidade sexual na América Latina construída em grupos cristãos LGBT e por alguns teólogos.⁴⁷ Nessas produções seguramente se encontram pistas para uma elaboração teológica em face da epidemia de HIV/AIDS.

As elaborações teológicas mais promissoras nessa área, sem dúvida, são da teóloga argentina Marcella Althaus-Reid. Na sua proposta de uma “teologia indecente” ela articula sua formação na teologia da libertação latino-americana com os estudos *queer* e pós-coloniais, advogando a “indecência” como um “contradiscursos para o desmascaramento [*unmasking*] e desnudamento [*unclothing*] dos pressupostos sexuais construídos para dentro da teologia da libertação durante as últimas décadas, mas também hoje ao confrontar questões de globalização e a nova ordem mundial neoliberal”⁴⁸. Segundo ela:

Uma teologia indecente é uma teologia que problematiza e desnuda as camadas míticas de múltipla opressão na América Latina, uma teologia que, encontrando seu ponto de partida na interseção da teologia da libertação e do pensamento *queer*, refletirá sobre a opressão econômica e teológica com paixão e imprudência. Uma teologia indecente questionará o tradicional campo da decência e ordem latino-americanas enquanto permeiam e apoiam as múltiplas (eclesiológica, teológica, política e amorosa) estruturas de vida em meu país, Argentina, e em meu continente⁴⁹.

Mais uma vez, e agora profundamente enraizada na realidade latino-americana, uma teologia que considere a epidemia de HIV/AIDS e todas as questões nela implicadas, não poderá ser senão “indecente” no uso de suas fontes, em seus instrumentais de análise e em suas conclusões. Nisso, recuperará a mensagem central do evangelho na sua mais absurda radicalidade, alinhando-se com a perspectiva do reino de Deus e a transformação das estruturas sociais, políticas, econômicas e religiosas que impedem sua materialização em nossas experiências históricas concretas, gerando opressão, dominação, exclusão e marginalização. Por isso é para a produção de nossos corpos, do corpo do mundo e do corpo de Deus que precisamos olhar, buscando caminhos de indecência.

⁴⁷ MUSSKOPF, 2012, p. 228-289.

⁴⁸ ALTHAUS-REID, 2001, p. 168.

⁴⁹ ALTHAUS-REID, 2001, p. 2.

Teologia e corpo – mais uma vez

A teologia da libertação, em sua formulação clássica, utilizou a categoria do “pobre” como lugar teológico fundante para qualquer reflexão teológica. Em suas elaborações, no entanto, tal categoria analítica e epistemológica foi construída de maneira universalizante, metafísica, muitas vezes ignorando questões fundamentais na experiência concreta das pessoas pobres, vivida em sua corporeidade e construída de maneira múltipla e complexa. Pouco a pouco, tais questões foram sendo trazidas à tona pelas múltiplas teologias da libertação que foram sendo elaboradas na América Latina. Embora não tenham sido reconhecidas e incorporadas criticamente por grande parte dos teólogos da libertação mais comemorados, seus reclamos apontam justamente para a necessidade de assumir de maneira séria e responsável a experiência corporal dos múltiplos sujeitos da teologia, utilizando, de maneiras diversas, o corpo como paradigma fundamental para a elaboração teológica.

A pergunta pelo corpo na teologia é uma pergunta pelo fundamento, pelo método e pela autoridade. Quais são os corpos autorizados, os corpos que contem/pesam? Quais são os sentidos da vida, das relações, de D*s que são permitidos no universo do fazer teológico? O que tem a dizer sobre seus jeitos, suas formas de produzir conhecimento na produção da sobrevivência e do sentido? Que violências e prazeres trazem marcados em suas múltiplas camadas de cultura? Como se montam e desmontam no cotidiano ordinário do fazer-se e apreender-se? Quais são as estruturas de poder e saber que definem o legítimo? Há espaço para a ambiguidade, a provisoriidade e as contradições dos corpos que vivem e produzem a teologia nossa de cada dia? Todas essas são perguntas que emergem ao adentrarmos no universo das pessoas que vivem e convivem com HIV/AIDS em seus corpos e para as quais a teologia precisa dar uma resposta.

Em sua conferência no Fórum Mundial de Teologia e Libertação em Belém do Pará em 2009, a teóloga lésbica-feminista Mary Hunt articulou essas questões de maneira brilhante na expressão “os corpos não mentem”. Afirma ela: Os corpos de crianças mortas em Gaza, Zimbábue e Camboja não mentem. Os corpos trabalhando em condições subumanas não mentem. Os corpos de mulheres e adolescentes privadas de direitos sexuais e direitos reprodutivos não mentem. Os corpos *gays*, lésbicos, bissexuais, transgêneros não mentem. Os corpos de pessoas com deficiência não mentem.⁵⁰ Os corpos de pessoas com HIV/AIDS não mentem! Em suas múltiplas formas de existir e relacionar-se revelam os múltiplos sistemas que dominam, exploram, excluem, marginalizam. Não há como negar sua materialidade e seu conhecimento. São corpos “indecentes”, empobrecidos, débeis, fragilizados, se se quiser, feitos vulneráveis pelo sistema de decência que constrói e alimenta a homofobia, o sexismo e o heterossexismo, o racismo e a xenofobia, o classismo e as formas de dominação, exploração e marginalização que definem o capitalismo desde sempre, operando contra a vida e produzindo a morte (material, simbólica e social).

⁵⁰ HUNT, Mary. *Bodies don't lie*. Texto apresentado no Fórum Mundial de Teologia e Libertação. Janeiro de 2009. Disponível em: <<http://www.wfll.org/pdf/063.pdf>>. Acesso em: 30 maio 2012.

Por isso, na elaboração de perspectivas teológicas que considerem seriamente a epidemia de HIV/AIDS na América Latina é fundamental que deixemos esses corpos falarem em toda a sua indecência. É nossa tarefa como teólogos e teólogas. Pois, como diz Mary Hunt: “Precisamos explorar a corporeidade teologicamente como se fosse uma questão de vida ou de morte, porque é. Como teólogos e teólogas, nossa tarefa é não somente buscar sentido, mas fazer mudança. Nossos corpos também não devem mentir”⁵¹.

Referências bibliográficas

- UNAIDS. *Global report: UNAIDS report on the global AIDS epidemic 2010*. Disponível em: <http://www.unaids.org/documents/20101123_globalreport_em.pdf>. Acesso em: 12 maio 2012.
- THE KAISER MEDIA Fellowships in Health; Fundación Huesped. *Manual para a cobertura de HIV/AIDS*. Disponível em: <<http://www.kff.org/hiv/aids/upload/7124-03Portuguese.pdf>>. Acesso em: 12 maio 2012.
- CAMPANERUT, Camila. *Aids aumenta entre jovens homossexuais*. Disponível em: <<http://noticias.uol.com.br/ciencia/ultimas-noticias/redacao/2011/11/28/aids-aumenta-entre-jovens-homossexuais-diz-ministerio-da-saude.htm>>. Acesso em: 12 maio 2012.
- BERNARDI, José. *Vulnerabilidade social e AIDS*. Porto Alegre: Pastoral de DST/Aids-CNBB, 2005. p. 27.
- GÓIS, João Bôscio Hora. A mudança no discurso educacional das ONGS/AIDS no Brasil. *Interface*, v. 7, n. 13, p. 27-44, 2003.
- BASTOS, Francisco Inácio. *AIDS na terceira década*. Rio de Janeiro: Fiocruz, 2006. p. 29-43.
- BORRILLO, Daniel. A homofobia. In: LIONÇO, Tatiana; DINIZ, Debora. *Homofobia e educação*. Brasília: Letras Livres/UnB, 2009. p. 15-46.
- PLANO NACIONAL de Enfrentamento da epidemia de AIDS e DST entre gays, HSH e travestis. Brasília, 2007. Disponível em: <http://bvsmis.saude.gov.br/bvs/publicacoes/plano_enfrentamento_epidemia_aids_hsh.pdf>. Acesso em: 12 maio 2012.
- CHOR, Dôra; LIMA, Claudia Risso. Aspectos epidemiológicos das desigualdades raciais em saúde no Brasil. *Cadernos de Saúde Pública*, Rio de Janeiro, v. 21, n. 5, p. 1586-1594, set./out. 2005.
- SAFFIOTI, Heleieth I. B. *Gênero, patriarcado, violência*. São Paulo: Perseu Abramo, 2004.
- MULHERES COM HIV/AIDS – Dossiê. São Paulo: Instituto Patrícia Galvão, 2003.
- PARKER, Richard; CAMARGO JR., Kenneth Rochel. Pobreza e HIV/AIDS: aspectos antropológicos e sociológicos. *Cadernos de Saúde Pública*, Rio de Janeiro, 16 (Sup. 1), p. 89-102, 2000.
- DELBON, Fabiana; ROS, Vera; FERREIRA, Elza Maria Alves. Avaliação da disponibilização de kits de Redução de Danos. *Saúde e Sociedade*, v. 15, n. 1, p. 37-48, jan./abr. 2006.
- BRASIL. Ministério da Saúde. Coordenação Nacional de DST e Aids. *Manual de redução de danos*. Brasília, 2001.
- BRASIL. Ministério da Saúde. Secretaria de Vigilância em Saúde. Programa Nacional de DST e Aids. *Direitos Humanos e HIV/Aids: avanços e perspectivas para o enfrentamento da epidemia no Brasil*. Brasília, 2008.
- GALVÃO, Jane. As respostas religiosas frente à epidemia de HIV/AIDS no Brasil. In: PARKER, Richard (Org.). *Políticas, instituições e AIDS: enfrentando a epidemia no Brasil*. Rio de Janeiro: ABIA, 1997. p. 109-134.

⁵¹ HUNT, 2009, p. 5.

- KOINONIA. *Linha do tempo*. Disponível em: <<http://www.koinonia.org.br/linha-tempo-11-2011.asp#sobe>>. Acesso em: 12 maio 2012.
- KOINONIA. *AIDS & Igrejas*: Um convite à ação. Rio de Janeiro: Koinonia, [s.d.].
- PASTORAL DST/AIDS. *Viu e teve paixão - Igreja e Aids*. Fortaleza: CNBB/Pastoral DST/Aids, 2002. p. 5s.
- DEPARTAMENTO DE DIACONIA DA IECLB. *Caderno do Seminário Nacional sobre HIV/Aids*: Quebrar o silêncio. Restaurar a dignidade. Porto Alegre: IECLB, 2005.
- CMI. *El Sida y La Iglesia como comunidad de sanación*. Genebra, 1986. Disponível em: <http://www.pastoralsida.com.ar/paginas_internas/documentos/comunidad.html>. Acesso em: 12 maio 2012.
- FRY, Peter. *Pra inglês ver*. Rio de Janeiro: Zahar, 1982.
- MÚSCARI, Marcello Felipe de Jesus. *A dupla construção*: A resposta à AIDS e a regulação do religioso no “1º Seminário Aids e religião do Rio Grande do Sul”. Trabalho de Conclusão de Curso. Porto Alegre: UFRGS, 2011. Disponível em: <<http://www.lume.ufrgs.br/bitstream/handle/10183/40398/000827246.pdf?sequence=1>>. Acesso em: 28 maio 2012.
- ABIA. *Respostas religiosas ao HIV/AIDS no Brasil*. Rio de Janeiro: ABIA, 2010. Disponível em: <http://www.abiaids.org.br/_img/media/Livreto%20Religi%C3%B5es%20completo.pdf>. Acesso em: 28 maio 2012.
- OROZCO, Yury Puello. Mulheres, AIDS e religião. *Católicas pelo Direito de Decidir*, São Paulo, 2002.
- DEPARTAMENTO de Diaconia da IECLB. *Dia Nacional da Diaconia – 7 de maio de 2000*. Caderno. Porto Alegre: IECLB, 2000.
- TRASFERETTI, José Antônio; LIMA, Livia Ribeiro. *Teologia, sexualidade e Aids*. Aparecida, SP: Santuário, 2009.
- PEREIRA, Nancy Cardoso. *Igrejas e Aids (2): perspectivas bíblicas e pastorais*. Rio de Janeiro: Instituto de Estudos de Religião, 1990.
- SAMPAIO, Tânia Mara Vieira. Aids e religião: aproximações ao tema. *Impulso*, Piracicaba, v. 13, p. 21-39, set./dez. 2002.
- HERNANDEZ, Ivan Perez. Teologías de la Liberación y minorías sexuales em America Latina y el Caribe. In: TRASFERETTI, José (Org.). *Teologia e Sexualidade - Um ensaio contra a exclusão moral*. Campinas: Átomo, 2004. p. 123s.
- ALVES, Rubem. AIDS. *Tempo e Presença*, v. 269, p. 52-53, 1993.
- ALISON, James. AIDS como lugar de revelação. In: ASSMAN, Hugo (Ed.). *René Girard com teólogos da libertação*. Petrópolis: Vozes; Piracicaba: UNIMEP, 1991.
- STUART, Elizabeth. *Gay and lesbian theologies: Repetitions with critical difference*. Aldershot: Ashgate, 2003. p. 65-77.
- MUSSKOPF, André S. *Via(da)gens teológicas*. São Paulo: Fonte Editorial, 2012. p. 209-224.
- ALTHAUS-REID, Marcella. *Indecent theology*. London: Routledge, 2001.
- HUNT, Mary. *Bodies don't lie*. Texto apresentado no Fórum Mundial de Teologia e Libertação. Janeiro de 2009. Disponível em: <<http://www.wftl.org/pdf/063.pdf>>. Acesso em: 30 maio 2012.

Sítios da internet

- www.teologiaysida.org. Acesso em: 12 maio 2012.
- www.capuchinhosrs.org.br/fontecolombo. Acesso em: 12 maio 2012.
- www.pastoralids.org.br. Acesso em: 12 maio 2012.
- www.pastoralsida.com.ar. Acesso em: 12 maio 2012.
- www.religrafosaude.blogspot.com.br. Acesso em: 12 maio 2012.